

Uma decisão vital

ANTONIO CARABALLO

Brasileiros e brasileiras, finalmente chegou a hora de limpar o muro. Quem se acomodou na omissão e se acostumou com a crítica sem responsabilidade, agora terá que participar. Não importa se for pela ausência ou mediante a anulação do voto. Ainda assim estará participando e assumindo sua parcela de culpa ou virtude pelo futuro que 82 milhões de votos deverão construir.

A partir de hoje, o que vier a ocorrer com o País estará de forma crescente em nossas mãos. De saída, pela seleção dos dois finalistas que disputarão o segundo turno da eleição presidencial. Em seguida, pelo comportamento da sociedade diante dessas duas propostas, até que a 17 de dezembro seja finalmente conhecida a vontade nacional em torno do próximo governo.

Exaltar o processo democrático é absolutamente dispensável, por redundância óbvia. Manifestar preocupação com a seriedade imposta pelo voto, diante da escassa educação política do brasileiro, igualmente não sugere novidade. De questões adjetivas, como a pobreza temática da campanha eleitoral, também não é o caso de tratar neste momento. A hora, agora, é de registrar de forma clara, na consciência de cada eleitor, que estaremos pagando breve pelo acerto ou desacerto de nossas decisões diante das urnas.

Para muito além da campanha e das suas promessas, é evidente que o futuro próximo não será um mar de rosas, não importa quem vença o pleito. A crise econômica brasileira des-

conhece ideologia ou demagogia. Nosso contencioso social é grande e não terá solução mágica ou instantânea. Levará tempo para que o País consiga superar problemas estruturais, retomar um crescimento econômico firme e sadio, oferecendo melhores condições de vida para amplas camadas da sociedade brasileira.

O desafio que cada um de nós terá hoje, quando sairmos para votar, será o de distinguir entre a realidade e a ficção, diante das propostas dos candidatos. Do romantismo aventureiro do PT ao dogmatismo rígido de Paulo Maluf, o eleitor terá que escolher um caminho que lhe dê esperanças de uma vida melhor, com realismo. Ao longo do governo Sarney cansamos de representar o papel de co-baias. Testaram no povo brasileiro as invenções tecnocráticas e heterodoxas do Plano Cruzado. E não satisfeito em provocar a maior frustração coletiva brasileira, desde que o Uruguai nos tomou a Copa de 50 em pleno Maracanã, o Governo ainda assaltou nossa paciência e nos tomou o que restava de crença, com as ilusões dos planos Bresser e Verão.

Pois bem, chegou a hora do troco. Só que esse troco não pode ser confundido com a revanche ou o simples protesto, sob pena de fazermos apenas uma troca de algozes incompetentes, a servir-se do Estado e aviltar a Nação. Esse troco tem que ser consciente, selecionando candidatos que tenham equilíbrio emocional e propostas consistentes. Se errarmos na escolha não será possível culpar quem quer que seja. Hoje, brasileiros e brasileiras são compulsoriamente desalojados do muro da omissão.